

A COMARCA ORAL DO “ENTRE-LUGAR” NA NARRATIVA SEREJIANA

FORMATION OF THE “IN BETWEEN” ORAL REGION IN THE NARRATIVE OF SEREJO

Mara Regina Pacheco⁵³

Resumo: Este artigo se propõe a perceber a constituição da comarca oral do “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000), na narrativa do escritor sul-mato-grossense, Hélio Serejo. A análise se aterá em três contos: “Palavras do prosador crioulo”; “Chimarrão”; “Couro seco de vaca”; presentes na obra *Balaio de bugre* (SEREJO, 2008, v. VII, p. 85-231). Neste recorte discutir-se-á as marcas provenientes e características desse “entre-lugar”, reflexões essas pertencentes ao Pós-Colonialismo (diáspora, hibridismo, mestiçagem, transculturação, multiculturalismo), na esteira dos Estudos Culturais, bem como questões inerentes ao discurso crítico latino-americano, uma vez que os contos são representativos de uma obra pertencente a esse *locus* específico (fronteira do Brasil/Paraguai), de onde percebe-se a evidência da existência da “comarca oral” latino-americana, tese defendida por Carlos Pacheco (1992).

Palavras-chave: comarca oral; “entre-lugar”; Hélio Serejo.

Abstract: This article aims to understand the formation of the “in between” oral region (SANTIAGO, 2000) in the narrative of the writer South Mato Grosso, Hélio Serejo. The analysis will be focused on three stories: "Palavras do prosador crioulo"; "Chimarrão" "Couro seco de vaca"; in the work *Balaio de bugre* (Serejo, 2008, vol. VII, p. 85-231). It will be discussed the brands and characteristics of this "in-between", reflections belonging to Post-Colonialism (diaspora, hybridism, miscegenation, transculturation, multiculturalism), and Cultural Studies, as well as issues related to the critical speech of Latin America, since the stories are representative of a work belonging to that specific locus (border of Brazil / Paraguay), where we see the evidence of the existence of Latin America "oral region", thesis defended by Carlos Pacheco (1992).

Key-words: oral region; “in between”, Hélio Serejo.

Introdução

Hélio Serejo (1912- 2007), foi o escritor sul-mato-grossense que mais obras escreveu no estado (sessenta). Em 2008, teve editada sua coletânea *Hélio Serejo – Obras Completas*, numa organização de Hildebrando Campestrini, pelo IHG/MS (Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul). As obras completas foram compactadas em nove volumes onde encontramos: relato histórico, conto, crônica, poesia, folclore, lendas, provérbios, credices, ditos populares, crítica literária, e outros.

⁵³ Doutoranda em Letras pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), com bolsa CAPES. Mestre em Letras pela UFGD. Email: maravilhosapacheco@hotmail.com

A leitura das suas obras proporciona conhecer o “velho” Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, em aspectos como: topografia, flora, fauna, rios, minérios, clima, chuvas, etc. Sob o ponto de vista humano são apontadas as relações do homem fronteiriço com o “outro” homem, com o meio, também as singularidades socioeconômicas e culturais que compõem a identidade da região que faz divisa de fronteira do Brasil com o Paraguai. Grosso modo, suas obras retratam o convívio do meio rústico com tendência de registro folclórico, inventário de costumes e crenças, tradições populares próprias do lugar. É nesse texto/contexto serejiano de onde salta uma voz, um discurso (representativo da comarca oral), evocando marcas identitárias desse “entre-lugar” latino-americano. Carlos Pacheco em *La comarca oral* (1992, p. 122), defende que, pela ficcionalização de um discurso oral popular, é possível reconhecer e se aproximar das perspectivas, dos modos de pensamento e de expressão, dos elementos do imaginário, característicos das culturas rurais, internas, da América Latina. Na vasta obra de Hélio Serejo, e nos três contos nos quais aqui nos ateremos, notar-se-á uma escrita que é pautada na oralidade. Do texto emana a voz, o discurso característico do seu povo, exprimindo a sua constituição, os seus confrontos, os seus embates, os seus ajustes, inerentes a uma região fronteiriça que é um *topoi*⁵⁴ do “entre-lugar” latino-americano. É neste campo de análise que pretendemos encontrar “o que”, “do que”, fala a “voz” do discurso da comarca oral na diegese serejiana. Discutiremos a proposta do artigo em três frentes: 1. O discurso crítico latino-americano; 2. Características da literatura do “entre-lugar”: a comarca oral constituída; 3. Corpo a corpo com os contos.

O discurso crítico latino-americano

Ao tomar para análise uma literatura como a do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, há que deixar à parte um discurso vigente fixado na origem das fontes e das influências. Esse método, enraizado no sistema universitário, há muito tempo deixou de ter valia. Silvano Santiago (2000: p. 18) defende que o método baseado nas fontes e influências apontaria a inófia de uma arte já carente devido às condições

⁵⁴ *Topoi* são lugares comuns retóricos mais abrangentes de determinada cultura. Funcionam como premissas de argumentação que, por não se discutirem, dada a sua evidência, tornam possível a produção e a troca de argumentos. (SANTOS, 2008, p. 447).

econômicas, e que somente ressaltam a ausência de imaginação de artistas forçados a se ajustarem a padrões postos em circulação pela metrópole. Montaigne, no capítulo trinta e um de *Ensaíos*, afirma que mesmo com diferenças econômicas e sociais, dois exércitos podem se apresentar em equilíbrio no campo de batalha. O nosso campo de batalha é marcado por um *locus* específico, uma literatura latino-americana que assinala um: *quem fala, como fala, para quem fala, de onde fala*. Santiago (2000) define bem esse *locus* no “O entre-lugar do discurso latino-americano⁵⁵”, como um *locus* de enunciação de um espaço territorial, geográfico e discursivo. Walter Mignolo é um dos defensores da ideia de que o “Terceiro Mundo não produz só culturas para serem estudadas por antropólogos e por etno-historiadores, mas intelectuais que geram teorias e refletem sobre sua própria cultura e sua própria história” (apud MATTELART; NEVEU, 2004, p. 174).

Esse espaço periférico da América Latina possui riqueza cultural como qualquer outro do mundo, e leva na sua literatura o DNA do seu povo, da sua cultura, da sua identidade. Com o intuito de valorar seu produto há que se desconstruir discursos de unidade e referências rígidas e criar novos espaços que reflitam a realidade vigente: um espaço periférico de uma riqueza cultural construída historicamente num intercâmbio múltiplo de relações humanas díspares. Há que se voltar os olhos do longe para o aqui. Há que se desvenciliar da ideia de literatura braço/ramificação de outra sublime e intagível: “O leão é feito de carneiro assimilado”, diz a notória frase de Paul Valéry.

A insígnia que nos define como latino-americanos é a de cultura subalterna, é a referência que sobressai ao fazer alusão a países colonizados. No entanto, de acordo com Mignolo (2003, p. 103): “uma dupla crítica (crítica dos discursos imperiais) libera conhecimentos que foram subalternizados, e a liberação desses conhecimentos possibilita ‘um outro pensamento’”. Esse “outro pensamento” defendido por Mignolo é o que brota do “entre-lugar”, do espaço intersticial, da zona de contato, do caminho do meio, do terceiro espaço, e outras nomeações similares que caracterizam o “mesmo”.

⁵⁵ O “entre-lugar” de Silviano Santiago encontram seus similares nos: Lugar intervalar (E. Glissant); *Tercer espacio* (A. Moreiras); Espaço intersticial (H. K. Bhabha); *The thirdspace* (Revista Chora); *In-between* (Walter Mignolo e S. Gruzinski); Caminho do meio (Z. Bernd); Zona de contato (M. L. Pratt); Zona de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento).

A emancipação discursiva da ordem eurocêntrica se posiciona contra os conceitos de unidade e pureza (europeus), e nos posiciona no seu oposto: a ordem discursiva latino-americana é híbrida, miscigenada, trans/multi/cultural (entre outras). Todos esses aspectos são desenvolvidos pelo Pós-Colonialismo, na esteira dos Estudos Culturais. Nos anos 70, a teoria pós-colonial chegou à América Latina e ao Brasil, realçando conceitos como: antropofagia, transculturação, hibridismo, pensamento liminar, marginalização, hierarquização, minorias, excluídos, transnacionalismo, homogeneização, alteridade, diáspora, mestiçagem, multiculturalismo etc. Temas discutidos por Oswald e Mário de Andrade, Silviano Santiago, Octávio Paz, Darcy Ribeiro, Antonio Candido, Paulo Freire, Roberto Schwarz, entre outros. Alguns desses temas mencionados acima serão discutidos no subtítulo dois, logo abaixo, e serão apontados no subtítulo três, durante o corpo a corpo com os contos selecionados para análise.

Características da literatura do “entre-lugar”: a comarca oral constituída

A literatura produzida na América Latina incide pensar sobre esses aspectos acima mencionados, e a obra de Hélio Serejo, tal qual, não foge a esses temas. Selecionados os contos: “Palavras do prosador crioulo”; “Chimarrão”; “Couro seco de vaca”; a proposta é discutir algumas questões características do “entre-lugar” da literatura latino-americana que se fazem presentes na narrativa serejiana. Esses contos apresentam as práticas cotidianas da região, que podem ser observadas através dos diálogos culturais, preservadores da memória, da tradição, da identidade cultural do povo fronteiriço. Pela investigação do cotidiano, podemos perceber a voz, o discurso que brota da comarca oral, através da ficcionalização da realidade local. A “realidade” que surge do discurso produzido pelo relacionamento do indivíduo com seu mundo, é o que prenderá nossa atenção na análise aqui pretendida.

A voz do discurso é permeada por signos e práticas que estabelecem a experiência e a representação do histórico, social, cultural de um povo. Esse mundo descrito, e suas práticas, refletem a “comarca oral” da tese pachequiana. O teórico afirma que características de uma cultura predominantemente oral podem ser encontradas nas narrativas de alguns escritores pelo seu “modo de fazer”. Pacheco acredita numa invenção da ficcionalização da oralidade na literatura, o que demarcaria

a existência de uma “comarca oral”. Segundo o estudioso, Jose Maria Arguedas, Augusto Roa Bastos, Guimarães Rosa, são escritores que ficcionalizaram a oralidade em suas narrativas, e partindo de excertos de tais literatos, prova a constituição da comarca oral latino-americana. Pacheco argumenta que a representação ficcional de uma realidade local/regional tem sido uma tradição nas letras latino-americanas. Cita *Grande sertão: veredas*, como a representação mimética do falar oral popular. À semelhança de Rosa, Serejo proporciona através do seu texto, a ficcionalização de uma memória pertencente a uma determinada comunidade, oferece personagens transmissores de valores culturais guaranis, paraguaios, e da mistura desses povos. Os personagens contadores ou contados, todos eles são carregados da força da narrativa oral da qual fala Pacheco em *La comarca oral* (1992). As narrativas parecem pertencer à memória coletiva cultural oral de um *locus* específico demarcado, pautado na transmissão da sabedoria, da cultura, oralmente. Hélio Serejo reproduz as práticas cotidianas, exibe uma prática cotidiana da família, da sociedade, das profissões de um local marcado, deixa no seu texto marcas da oralidade, e por isso representa o falar popular da comuna que ficcionaliza, bem como transcreve as tradições tipicamente orais da região circunscrita. A linguagem dos contos é simples, direta, testemunhal, delatora das ocorrências cotidianas, da região da fronteira Brasil/Paraguai, da qual se evidencia uma metáfora celebratória ao hibridismo cultural de uma região tipicamente caracterizadora do “entre-lugar”.

O estudo das questões fronteiriças (hibridismo, transculturação), toda a mistura advinda da “zona contato”, aponta para uma interface altamente frutífera entre literatura e cultura, e é exatamente sob esse enfoque que é possível lançar um olhar transcultural à escrita de Hélio Serejo. Os aspectos representativos do “entre-lugar” que mais figuram na narrativa do escritor são: a diáspora, o hibridismo, a mestiçagem, a transculturação, o multiculturalismo. Através desses aspectos, há como perceber como diferentes sujeitos interagem pela perspectiva cultural, social e política e, a partir disso, definir a ideologia, a voz, o discurso representativo dessa comarca oral. Por meio dos contos há como visualizar e demarcar o ‘entre-lugar’, percebendo como acontecem as confluências culturais e as manifestações sociais advindas das mesmas. Há como se investigar os intercâmbios culturais dos sujeitos diaspóricos,

deslocados e fronteiriços, bem como registrar seus movimentos ideológicos através do discurso narrativo.

No evento da diáspora, segundo Stuart Hall (2003, p. 27): “as identidades se tornam múltiplas”, ou seja, das culturas diaspóricas surgem os híbridos, os múltiplos, que são a lógica cultural da tradução. Ainda de acordo com Hall, “essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial” (p. 74). Esse é o caso dos contos selecionados para a análise: uma literatura de margem, de fronteira, de um espaço sociocultural latino-americano, na qual Serejo contempla a diáspora, sobretudo de gaúchos, paraguaios, uruguaios. O advento da diáspora neste local se deu com o aparecimento de aventureiros que surgiam em busca, sobretudo, de trabalho, de conquista de melhores condições de vida, através da extração da erva mate (principal fonte de economia local, na época).

Da diáspora surge o elemento híbrido, mestiço. O hibridismo (que pode ser linguístico, cultural, político, racial), é o fenômeno no qual a diferença cultural acontece. O híbrido é o resultado do movimento, da não estabilidade das coisas, é a consequência de uniões e enfrentamentos. O fenômeno do hibridismo desemboca no fenômeno da mestiçagem, devido ao alargamento dos horizontes. “A mestiçagem se dá em materiais derivados, numa sociedade colonial que se nutre de fragmentos importados, crenças truncadas, conceitos descontextualizados e, volta e meia, mal assimilados, improvisos e ajustes nem sempre bem-sucedidos” (GRUZINSKY, 2001, p. 196). Laplantine e Nouss (2002, p. 8) definem a mestiçagem como “uma terceira via entre a fusão totalizadora do homogêneo e a fragmentação diferencialista do heterogêneo”. A definição dos estudiosos mostra que a mestiçagem é um fenômeno complexo. Nele não está implicado somente fusão, coesão e osmose, mas, além disso, confrontação e diálogo. A mestiçagem não acontece pacificamente, mas é permeada por embates, por diversificação, e contínua evolução, que requer ausência de regras, já que “cada mestiçagem é única, particular e traça seu próprio futuro” (LAPLANTINE & NOUSS, 2002, p. 10). É característico da mestiçagem o interesse pelo outro. Diferentes culturas em embate sempre trazem e levam algo, numa aprendizagem e troca, assimilações e apagamentos, fazendo com que, às vezes, referências adquiridas sejam tomadas como nossas. É exatamente assim que é construída a identidade cultural de

um povo, nessas misturas e cruzamentos de memórias/esquecimentos. Esse processo de empréstimos e apagamentos formulam universalismos e particularismos, em rearticulações sem fim. O Brasil é um microcosmo dessa fusão, dessa mistura, assim como a América Latina. Aqui nestas terras, a mestiçagem não se deu de forma festiva e agradável, mas de forma conflituosa e dolorosa. Laplantine e Nouss (2002, p. 32) corroboram, que nós, latino-americanos, somos: “ocidentais e não-ocidentais, intelectuais e sensuais, modernos e tradicionais, ateus e religiosos, cristãos e pagãos, racionais e sentimentais, críticos e líricos”. Eles se referem a nós como à imagem e semelhança do nosso anti-herói Macunaíma.

Outro fenômeno característico do “entre-lugar” é a transculturação. Termo criado por Fernando Ortiz, em 1978, e definido como uma forma de transmutação constante, um processo mutante e irreversível de influência sobre o outro, no qual ambas as culturas se modificam. O processo de transculturação intermitente deságua no hibridismo cultural, que é característico das fronteiras porosas. Neste local osmótico, as identidades se constituem nos contatos com outras. No embate, se (re)arranjam, se (re)articulam, fazem-se no processo do devir. Nos contos serejianos selecionados é possível identificar a mistura das diversas culturas, do caldo cultural transfronteiriço do qual se tem como resultado a transculturação, a mescla das identidades, o sujeito híbrido, misturado, mestiço. O indivíduo que se fez através do evento da diáspora, do hibridismo, da mestiçagem, da transculturação. É o sujeito multicultural.

De acordo com Gruzinsky (2001, p. 53), o sujeito multicultural é dotado de inúmeras identidades, ou provido de referências mais ou menos estáveis, que são ativados sucessiva ou simultaneamente, de acordo com os contextos. O termo multiculturalismo tem sido comumente usado para designar as condições latino-americanas das diferenças culturais no contexto transnacional/global, diferenças essas oriundas das inúmeras transformações advindas de interações múltiplas com outros indivíduos. Todos esses aspectos discutidos serão base de busca para análise dos contos serejianos no subtítulo três, logo abaixo.

Corpo a corpo com os contos

O conto “Palavras de um prosador crioulo (SEREJO, 2008, v. VII, p. 150-1)” é narrado em primeira pessoa. O narrador inicia o conto se autodenominando um “homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe”, um “homem fronteiroço que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites” de um “vento, vadio e haragano”. Explica que esse vento “nasce nas terras incaicas, no recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco paraguaio”, e que apenas depois disso tudo, esse mesmo vento vai: “exausto do bailado de demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã (...)”. A expressão “homem fronteiroço” indica um indivíduo do “entrelugar”, da zona de contato (de um lugar social onde culturas diversas se encontram, lutam, interagem). Este mesmo indivíduo “veio de longe”: é um ser diaspórico (vive longe da sua terra natal, real ou imaginária). Nas faces, recebeu açoites de um vento que atravessou longas distâncias: do território Inca, atravessando a Bolívia, até chegar à fronteira cidade de Ponta Porã/MS, divisa com o município de Pedro Juan Caballero/Paraguai. Essa distância percorrida, sob o açoite do vento, deixou no indivíduo, marcas profundas, transformando-o, seguramente.

Logo na sequência o narrador afirma: “Eu sou filho da *jungle*, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra”, exprimindo um sujeito que se considera pertencente a “todos” os lugares: o sujeito multicultural defendido por Gruzinsky (transformado pelas inúmeras interações com outros espaços e indivíduos). O trecho: “Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado” (SEREJO, 2008, v. VII, p. 150), novamente enfatiza o sujeito que veio de longe, dando destaque à característica do ser diaspórico. Ainda além, a frase “sou misto”, implica um indivíduo advindo de diferentes formações: é poeira de estrada, é fogo de queimada, é aboio⁵⁶ de vaqueiro, é revoar de pássaro, é lua andeja, é mata, ou seja, é um pouco de tudo. É a própria simbiose com o local, com a natureza, influenciadora do homem mestiço nas suas práticas cotidianas. É a riqueza de reter em

⁵⁶ Toada (canto) em que os vaqueiros guiam as boiadas, ou chamam os bois dispersos.

si um tanto de cada momento vivenciado: “Um homem distinto é um homem misturado”, defendia Montaigne. E ainda: “Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. Os ventos do destino, maus e bons, levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muito caminhos” (SEREJO, 2008, v. VII, p. 150). Os muitos caminhos que trilhou, as diferentes culturais que conheceu, os açoites dos ventos maus e bons que recebeu, ou seja, todas as suas vivências colaboraram para fazer dele um ser híbrido, heterogêneo, num processo de transformação, que nunca tem ponto de chegada. É um evoluir, um devir ininterrupto, um (re)arranjar que faz dele um misto de índio, de “cruza-campo” (andariego⁵⁷), de “trota-mundo”.

Em “Chimarrão” (SEREJO, 2008, v. VII, p. 143), encontramos um pouco da riqueza multicultural circunscrita na obra serejana. No conto podemos perceber ícones do povo (gaúcho, índio), da economia (o mate), da cultura (lendas, causos, tradições), entre outros, que são constituintes das práticas histórico-sociais cotidianas. É de costume do povo da região que o chimarrão seja a primeira bebida ingerida do dia: “O gaúcho ou o mateador inveterado de outros pagos saúdam a madrugada com a cuia de mate na mão” (p. 143), à semelhança do chá, do café, tradicionais em outras culturas, o chimarrão aparece como aquele elemento que faz parte da cor local⁵⁸:

O mate-chimarrão é companheiro inseparável do gaúcho, do vaqueiro, do campeiro, do cruzador de caminhos, do índio faceiro, bem pilchado, da china amorosa e apaixonada, do piazote atrevidado e disposto e das velhas gaúchas, imagens imperecíveis da terra bravia e do crioulismo (SEREJO, 2008, v. VII, p. 143).

A erva mate era a responsável pela economia local através da Companhia Mate Laranjeira⁵⁹, e atraía grande número de homens de todo o entorno à procura de

⁵⁷ “O Andariego” é um conto de Serejo. Nele o escritor dá os sinônimos do termo: “andantino, giramundo, cruza-campo, corre-mundo, andante, corta-campo, trota-mundo, vara-brejo, estradeiro, contapassos, judeu errante, rompe-trilho, andarilho, amassador de areia, sem destino, irmão dos ventos, fantasma do deserto e andarengo” (SEREJO, 2008, v. VII, p. 219).

⁵⁸ Cor local se refere à ficção ou poesia com características específicas: personagens, dialetos, costumes, história, topografia de uma região, época ou tipo.

⁵⁹ A Companhia Mate Laranjeira era de propriedade de Tomaz Laranjeira, que após o fim da Guerra da Tríplice Aliança, fez parte da expedição de redemarcação da fronteira Brasil/Paraguai, com o avô de Hélio Serejo, Coronel Francisco Marcos Tury Serejo (que lutou na guerra). Laranjeira, percebendo a grande quantidade de ervas nativas na região e a abundante mão de obra disponível, devido ao Pós-Guerra, consegue através de decreto em 1882, o arrendamento das terras para a exploração da erva mate nativa.

emprego nos ervais nativos da região. Isso explica o “entre-lugar” conglomerado com diferentes grupos: gaúcho, índio; vaqueiro, campeiro, cruzador de caminhos; china amorosa, piazone atrevidaço, velhas gaúchas; enfim, um território no qual a roda de chimarrão reunia a todos sem distinção. Nesse espaço da “roda” do chimarrão, no convívio dos diferentes, as diferenças eram diminuídas/aumentadas, transformadas/reinventadas, enfim, se faziam “outra” através da convivência, conforme podemos evidenciar no trecho: “A velha mãe gaúcha ou o índio gaudério, na roda do amargo bem cevado, entropilham as lendas e os causos, ensinando às crianças e aos maiores a vivência passada, o respeito às tradições, o bem-querer aos pagos crioulos e ao amor à Pátria (p. 143). Durante o chimarrão sagrado de todos os dias as tradições eram transmitidas através das lendas, dos causos, dos mais velhos para os mais novos.

Nessa ambientação profícua da troca, na reprodução da roda de chimarrão, típica da região, fortalece-se a estrutura memorialística de um “entre-lugar” que se faz no contato com o outro, nos encontros cotidianos da comunhão maior do povo da região: a hora do chimarrão.

Um gole de mate é um pensamento, um convite, muitas vezes, para um entrevero ou uma campereada, ao alvorejar, meio escurito ainda, pelas coxilhas orvalhadas. Enquanto a cuia roda de mão em mão, cultiva-se a hospitalidade e se pratica o cavalheirismo, porque gaúcho bom e mateador de outros rincões deve e precisa ser, acima de tudo, hospitaleiro e cavalheiresco. Com o mate se conquista amizade, firmam-se negócios, idealiza-se, discute-se, pondera-se e tantas coisas mais (SEREJO, 2008, v. VII, p. 143).

A roda do chimarrão é o momento da “prosa” correr solta, momento de expressão maior da confraternização, do encontro favorável às trocas, ao compartilhamento das experiências de vida. Na hora do chimarrão, como bem diz o conto, faz-se amizades, negócios, “idealiza-se, discute-se, pondera-se”. É o momento no qual histórias são contadas, recontadas, esquecidas e atualizadas, operando naturalmente, o ritual da construção da comarca oral pachequiana. O gole do mate pode ser um convite à briga (entrevero) ou à comunhão (campereada), ou seja, é a demarcação de um momento de “ajustes” (positivos ou negativos), mas, que são intrínsecos ao convívio dos “diferentes”.

O conto “Couro seco de vaca” é a exemplificação desses “ajustes” que ocorrem no “entre-lugar” da prosa serejiana. O couro seco de vaca é matéria-prima para diferentes objetos do sertão: roupas, chapéus, embornal (tipo de bolsa), e muitos outros. “Couro seco de vaca é raiz do crioulisto, farpa da tradição, trança do nativismo e chispaço do folclore” (SEREJO, 2008, v. VII, p. 168). É da raiz folclórica que Serejo evidencia o lado da “Adivinhação” através das exóticas conformações do couro de vaca. O narrador do conto afirma que o índio uruguaio Román Fontan Lemes, especialista em tradições campestres, dizia que o couro seco de vaca “*quedaba mejor para La adviñación, quando estaba bien arrugadisto*” (SEREJO, 2008, v. VIII, p. 168). Segundo ele, as rugas, sempre desiguais, do couro é que davam formas às figuras.

Fui jogado fora como coisa inútil. Ao relento, engruvinhou, ficou retorcido nas pontas. Bem no centro embocou, apresentando aquele mundão de calombos que formavam exóticas figuras na adivinhação burlesca de grandes e pequenos. Ali, no embocado do couro seco havia de tudo, e aí é que estava o divertido, a argúcia do cristão, que mais semelhança encontrava. Conforme o couro ia alinhando as figuras ou pareenças: sapo, boi de carro, chicote, cabeça de porco, estrada funda, piquete, lua, galo cantando, cobra enrolada, etc (SEREJO, 2008, v. VII, p. 167).

O couro de vaca é um elemento caracterizador da “possibilidade”, do devir, do rearranjo. É brincadeira de criança, mas também de adulto. É matéria moldável conforme a imaginação. É adaptável de acordo com o outro elemento que incidir sob ele: é “um” que se faz frente o “outro”:

Fica bom de se ver porque dá farturão de semelhanças, quando o couro tomou muita chuva, e recebeu dias e dias o calor do sol implacável, formando, então, aquela teia de retorcidos e inchaços, que vão originando estampas e moldes excêntricos (SEREJO, 2008, v. VII, p. 167).

O couro de vaca é a exemplificação da readequação do homem do “entre-lugar”: adapta-se de acordo com as influências que sofre. À semelhança do homem fronteiriço, o couro de vaca se molda frente às intempéries do tempo, do clima, de todas as pressões exercidas pelo meio. No relento engruvinha, apresentando calombos. Em dias de chuva incha, para logo depois, em dias ensolarados, retorcer e originar “moldes excêntricos”. O couro de vaca incha, retorce, harmoniza-se com o “entre-lugar”, com os encontros, com as trocas ocasionadas pelo meio. Enfim, mixa-se,

mistura-se, transcultural-se, torna-se “outro”, torna-se “ex/cêntrico” (ex-centro). É nessa capacidade de congregação a transformação e a mudança nas situações cotidianas que o indivíduo do “entre-lugar” se faz. Faz-se com o contato, faz-se com a mistura, faz-se transcultural.

Conclusão

A voz que emana do “entre-lugar” da narrativa serejiana é a voz dos indivíduos simples em suas práticas cotidianas. O dia a dia dos sujeitos envoltos numa comarca oral, que sofrem todos os tipos de interferências de uma região fronteiriça: a diáspora forçada em busca de melhores condições de vida; o hibridismo natural, decorrente do encontro de culturas díspares; a consequente transculturação dos valores, dos costumes de cada grupo envolvido; o multiculturalismo, como resultado das várias transformações ocorridas através das inúmeras interações com outros indivíduos. Os três contos analisados apresentam essas marcas características do “entre-lugar”, bem como representa uma comuna oral, um *locus* determinado, que se conta ao se expressar por meio de suas vivências, convivências, experiências, hábitos e costumes cotidianos. O nosso papel, enquanto “críticos acadêmicos latino-americanos do entre-lugar” é mapearmos, através da análise textual, as ocorrências de manifestações sócio-histórico-culturais de uma escrita que foi possível por meio da observação da prática cotidiana dos sujeitos locais. A escrita serejiana aponta uma comuna que se miscigenou, transculturou, pela vivência, pelo contato. O prosador serejiano conta de um “entre-lugar” no qual diferentes indivíduos se encontraram (diversos “cruzacampes” e “trotamundos”), que estiveram juntos em rodas de chimarrão nas quais trocavam experiências (boas e más; positivas e negativas), e ao receberem as influências dos outros em suas vidas, se adaptaram, se readequaram conforme era possível (tal qual o couro seco de vaca, dependendo das intempéries do tempo).

Em suma, a voz que emana da comarca oral serejiana é a voz do heterogêneo, do plural, do múltiplo, do transcultural, do eterno devir frente às diferenças. É um discurso mestiço, híbrido, multicultural, elementos esses todos caracterizadores do “entre-lugar” da comarca oral latino-americana de tese pachequiana. Enfim, o “entre-lugar” ficcionalizado nos contos de Serejo, representa a readequação de novos signos através da inovação característica da mistura, da hibridez, na construção de uma

identidade que nasce da miscigenação dos povos: paraguaio/brasileiro/uruguaio. É nesse espaço articulador do “entre-lugar” que se reconfigura as noções de centro/periferia, se desarticula processos entre cópia e simulacro, ou seja, balança-se pilares antes fixados nas fontes/origens/influências, exigindo-se realinhamentos de comportamentos e pensamentos, do povo, e principalmente, dos discursos críticos latino-americanos.

Referências

GRUZINSKY, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaide Resende *et al.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Tradução Ana Cristina Leonardo. Lisboa/Portugal: Biblioteca Básica da Ciência e Cultura/Instituto Piaget, 2002.

MATTELART, A; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MIGNOLO, W. **Histórias locais / projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PACHECO, Carlos. **La comarca oral**. Caracas: La Casa de Bello, 1992.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2.a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. Para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

SEREJO, Hélio. **Hélio Serejo**. Obras Completas. (org.) Hildebrando Campestrini. 9 vol. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2008.

[Recebido: 18 ago. 2013 - aprovado: 02 nov. 2013]

* * *